

**PAISAGEM, TERRITORIALIDADE E PRÁTICAS CULTURAIS NO
QUILOMBO GRILO - PB**

***LANDSCAPE, TERRITORIALITY AND CULTURAL PRACTICES IN QUILOMBO
GRILO - PB***

Guilherme Amisterdan Correia Lima

*Escola Estadual de Ensino Fundamental e médio Francisco Augusto Campos, em
Nazarezinho-PB*

*Graduado em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Especialista em
Análise Regional e Ensino de Geografia pela Universidade Federal de Campina Grande –
UFCG e atualmente é professor efetivo da Escola Estadual de Ensino Fundamental e médio
Francisco Augusto Campos, em Nazarezinho-PB. E-mail: guilherme-lima26@hotmail.com*

Sérgio Luiz Malta de Azevedo

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

*Professor Doutor Associado da Unidade Acadêmica de Geografia do Centro de
Humanidades da UFCG e docente do Programa de Pós graduação em Ecologia Humana e
Gestão Socioambiental da UNEB.*

Resumo

O estudo da cultura na Geografia é a base para o entendimento de como se estabelecem as relações entre os diferentes grupos e a vivência em comunidade, uma vez que os objetos, elementos e símbolos têm importância na construção de sentido para esses grupos. Assim, as relações sociais e culturais moldam a organização do espaço rural ao mesmo tempo que são viabilizadas por essa organização, seja pela variedade de condições naturais e sociais ali encontradas, seja pela dinâmica interna à pequena produção pelas relações de auto sustento que se estabelecem. A reprodução de práticas e comportamentos fortalece as territorialidades e as dimensões funcionais e simbólicas que se expressam na paisagem. Nesse sentido, este artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre a Comunidade Quilombola do Grilo, localizada no espaço rural do Município de Riachão do Bacamarte – PB, com base na análise do processo de territorialidade e na identificação dos elementos culturais presentes na paisagem, em suas perspectivas funcionais e simbólicas. Nesse sentido, destacamos as principais formas de trabalho e suas contribuições para o fortalecimento dos laços identitários e as relações de sociabilidade.

Palavras-Chave: Quilombo, Paisagem; Territorialidade; Práticas Culturais.

Abstract

The study of culture in Geography is the base for the understanding about how the relations between the different groups of a community are established, once the objects, elements and symbols have importance in the building of meanings among these groups. Thus, social and cultural relationships shape the structure of the rural space at the same time as they are made possible by this structure, either for the variable natural conditions that can be found there or the dynamics related to the small production through the self-sustainment that is established. The formation of different practices and behaviors strengthen the territorialities and the symbolical dimensions that are expressed by this landscape. Thus, this paper aims to present a research about the quilombola community called “Grilo”, located in the countryside of the town of Riachão do Bacamarte – PB, based on the analysis of the territorial process and on the identification of the cultural elements that are present in this landscape, in both its functional and symbolical perspectives. Accordingly, it is highlighted the main forms of work and their contribution to the strengthening of identity bonds and the social relationships.

Key-Words: Landscape; territoriality; Cultural Practices.

1. Introdução

A Análise do território e o estudo das paisagens são elementos pertinentes a Geografia Cultural e a pesquisa científica em muitas áreas disciplinares, contribuindo para a formulação de conhecimentos que suscitam novas ideias e debates acerca do território e multiterritorialidades de povos do mundo inteiro.

A cultura quilombola e a valorização da identidade negra no Brasil, também são temas que vem ganhando espaço no campo científico, em função das comunidades remanescentes espalhadas em diferentes lugares do país¹, que lutam pelo o reconhecimento da memória social de suas tradições e a valorização das práticas sociais identitárias de uma cultura que permanece viva e dotada de significados.

Nesse sentido, o presente artigo tem por objetivo apresentar um estudo sobre a Comunidade Quilombola do Grilo, localizada no espaço rural do Município de Riachão do Bacamarte – PB, com base na análise do processo de territorialidade e na identificação dos elementos culturais presentes na paisagem quilombola do lugar, em uma perspectiva material e imaterial.

Para alcançar o objetivo proposto, identificamos os elementos culturais presentes no território e as suas relações com a paisagem. Em um segundo momento, destacamos as principais formas de trabalho e as contribuições, para o fortalecimento dos laços de sociabilidade e a formação de uma identidade negra no lugar.

A pesquisa² possui caráter teórico-documental, com trabalho de campo e observações “in loco” dos elementos simbólicos e das formas de trabalho desenvolvidas na comunidade, bem como, a realização de entrevista com uma moradora do Quilombo Grilo, que permitiu articular as informações por ela fornecidas, com trabalhos de outros autores, que também estudaram o Grilo em seus muitos aspectos.

Partimos da hipótese de que a cultura imaterial acompanha os indivíduos desde o seu nascimento, norteadando as suas ações, costumes e práticas que representam a identidade cultural

¹ A exemplo das Comunidades do Quilombo do Rosário (SE), Quilombos de Olinda (PE), Quilombo do Jaraquariquera (MA), Povoado Cruz em Del Miro Gouveia, no Sertão de Alagoas, Quilombo do Livramento (PB), entre outros.

² Desenvolvida durante os meses de março a novembro de 2017. Ressalta-se, entre tanto, que o autor possuía informações prévias do Quilombo Grilo anteriormente a pesquisa, em função do contato com alguns moradores no período em que lecionou no Sítio Serra Rajada no ano de 2015, despertando assim, interesse e envolvimento pela temática quilombola.

de um povo, a exemplo das relações sociais, modo de vida, afetividade com o espaço e pertencimento com a terra, além da perspectiva material das principais formas de trabalho e práticas culturais existentes.

Ressalta-se, entretanto, que não foi realizado um trabalho de inventário estático das atividades locais, de vez que o objetivo principal do trabalho requeria uma análise qualitativa dos processos e fenômenos aqui estudados, na perspectiva de demonstrar a territorialidade e paisagem grilense, através dos elementos materiais e imateriais.

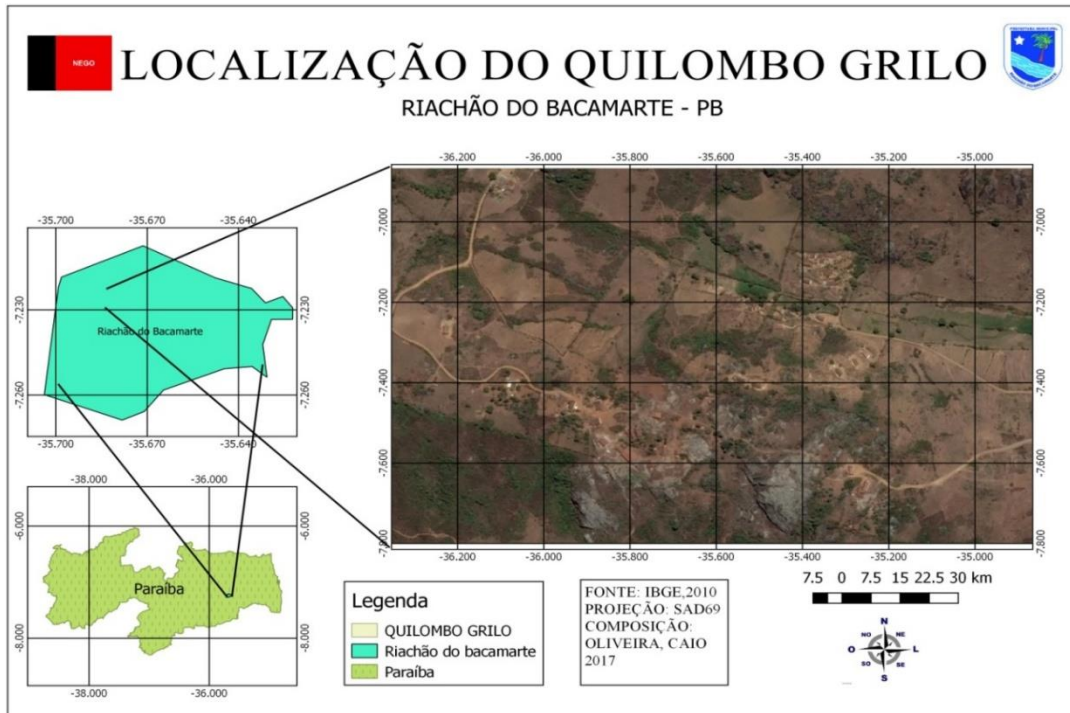
2. Grilo: formação territorial e meios de sobrevivência da comunidade

2.1 Localização e aspectos geográficos do território quilombola do Grilo – PB

O território quilombola do Grilo, anteriormente chamado de Serra Rajada do Américo, objeto desta pesquisa, encontra-se geograficamente localizado no Agreste Paraibano e pertence ao Município do Riachão do Bacamarte, situado próximo ao Sítio Serra Rajada. O Município do Riachão segundo (IBGE, 2010) faz parte da microrregião de Itabaiana e compreende uma área de 38 km², possuindo uma população estimada em 4.503 habitantes com densidade demográfica de 111,13 hab./km². No Mapa 01, delimitamos o território do Grilo, com base na identificação das coordenadas geográficas do seu território.

O acesso ao Grilo se dá em uma área de terrenos acidentados, proveniente das características geomorfológicas, (elevações do relevo da região, que apresenta serras e muitos lajedos), sendo assim, as atividades de agricultura e criação de animais se dão nas áreas de encostas. Os caminhos de acesso à localidade nos dias atuais (Figura 01) apresentam-se melhores que em anos anteriores. Outrora não era possível chegar ao local por meio de veículos automotores, como carros e motos. O trabalho dos moradores e os serviços de infraestrutura foram fundamentais na melhoria do acesso ao local, facilitando o tráfego de transportes e pessoas.

Mapa 01: Localização geográfica do Território Quilombola do Grilo – PB



Composição: Oliveira, 2017.

Figura 01: Acesso ao Território do Grilo – PB



Fonte: Pesquisa de Campo, Lima (2017)

Enfrentando as dificuldades, no que diz respeito ao acesso, é possível chegar ao quilombo do Grilo e avistar a paisagem, formada por diferentes elementos culturais,

destacando-se as moradias simples que refletem a dinâmica socioespacial dos moradores. Apesar de o Quilombo Grilo formar uma unidade territorial pelas suas características natural-culturais é comum no dia-a-dia dos moradores, a divisão da área em duas partes: Grilo de Baixo (Figura 02) e Grilo de Cima (Figura 03). Ambas, apresentam os mesmos aspectos em relação às condições de vida, moradia e forma de trabalho.

Figura 02: Grilo de Baixo



Fonte: Pesquisa de Campo, Lima (2017)

Figura 03: Grilo de Cima



Fonte: Pesquisa de Campo, Lima (2017)

2.2 A Origem do Território e do Topônimo Grilo

Compreender a origem do território Quilombola do Grilo não é simples, em função das muitas suposições existentes e das poucas evidências em relação às informações que fazem parte da memória coletiva do lugar. Os moradores que possuíam informações mais detalhadas sobre a eventual origem da comunidade, faleceram ou encontram-se debilitados em função da idade avançada.

Para evidenciar a nossa pesquisa, tomamos como referência, trabalhos realizados anteriormente no território do Grilo e os relatos orais de Leonilda Coelho Tenório dos Santos³ (Paquinha), concedidas através de entrevistas, realizadas nas visitas ao local de pesquisa. Paquinha foi essencial para intercalar as experiências e memórias do Grilo com os trabalhos realizados anteriormente por outros autores, a exemplo de Batista (2009), Amaral (2011), Barros (2012) e Maracajá (2013).

A história da formação territorial do Grilo é algo que remete à fuga de negros que sofriam no trabalho pesado em resistência a opressão de patrões que lhe cobravam árduas tarefas em troca de poucos benefícios. De acordo com Maracajá (2013, p. 53):

Os quilombolas da Comunidade do Grilo se reconhecem como uma comunidade negra rural. Eles possuem uma trajetória histórica própria, dotado de relações territoriais específicos, com presunção de ancestralidade negra relacionada à resistência à opressão histórica sofrida, conforme estabelece o artigo 2º do Decreto nº 4. 887, de 20 de novembro de 2003.

Essa afirmação proposta por Maracajá pode ser confirmada com o relato concedido por Paquinha, que ao ser questionada sobre os primeiros habitantes do Grilo, faz uma breve descrição em relação aos seus antepassados:

- O tataravô da minha mãe veio de um lugar bem longe, ninguém sabe nem de onde. Veio fugido, não tinha nada. Dizem que quando ele veio, só foi o que ele trouxe, foi uma cabacinha, era numa vara. Já era o que minha biza falava para minha vó e minha vó falava para minha mãe, que ele veio sozinho, por dentro dos matos, todo rasgado, com medo. Fugido! O que ele trouxe foi: Mãe disse que não era saco, era trapo. Uma mochilinha amarrada com um pouquinho de água, nessas varas que balança, chegou aqui, se arranhou, aí casou e dizia que veio fugido, sofria muito e a família ficou prá lá. Ele dizia que tinha oito irmãos, tinha pai, tinha mãe, tinha tudo, mas não puderam vir,

³ Leonilda é filha de Dona Dora e do senhor Manoel Cândido Tenório, residente no Grilo desde o seu nascimento. Tomamos como referência os relatos de Paquinha (como é carinhosamente chamada) pela sua influência na Comunidade. Ela é líder do quilombo e participa ativamente dos movimentos de valorização e reconhecimento do Grilo, sempre em busca de melhores condições de vida para a população.

que já foi ele fugindo de tanto sofrimento, disse que ele era todo marcado, e daí, foi casando e formou essa família todinha.

Ressalta-se, entretanto que possivelmente, os ancestrais de Paquinha, possuem relações de Parentesco com outro território quilombola: O Quilombo Pedra D'água, como nos faz supor os trabalhos de Batista (2009) e Maracajá (2013) que relacionam a formação territorial do Grilo com o Quilombo em questão.

O relato de sofrimento e fuga vividos pelo tataravô de Paquinha é descrito no trabalho de Batista (2009) que ao relatar as memórias dos assujeitados, refere-se às muitas lutas e resistência da população negra do território brasileiro na busca da valorização e do reconhecimento quilombola, reivindicando o direito a terra como recurso indispensável à sobrevivência e a manutenção da vida.

Assim como a origem do Grilo, o topônimo “Grilo” que dá nome a localidade, também é alvo de diferentes interpretações na memória coletiva dos habitantes local. Algumas dessas suposições são cheias de elementos criativos que despertam o humor e a curiosidade de todos que visitam a comunidade e se interessam por conhecer as muitas histórias contadas pelos moradores. A ideia mais aceita para o nome “Grilo” é apresentada por Paquinha em relato:

- Quando eu tinha 14 anos, em baixo no Grilo [referindo-se ao Grilo de baixo], tinha uma cacimba, que aqui era muito ruim para água, porque hoje tão fazendo buraco em tudo quanto é canto, porque tem terra para fazer, não é? Aí vinha gente de todo mundo, dali de Serra Redonda [referindo-se à cidade de Serra Redonda que fica próxima à Comunidade], da vila ali em baixo [Referindo-se a Serra Rajada], tinha poucas casas e o povo vinha pegar água aqui. Era uma cacimba pequenininha, mas que nunca secava e era gente, que, aliás, tinha muito grilos mesmo, mas o povo era mais do que os grilos, porque era por fila para pegar água limpa e acho que era até água mineral, porque não tinha pareia. E aí, ficou o nome Grilo, por causa disso.

Nessa versão a mencionada cacimba no relato é a responsável por dar nome à localidade, uma vez que era comum os grilos cantarolarem próximo às águas. Outra interpretação também subtendida na fala da entrevistada é que o número de pessoas que vinham ao local em busca de água se assemelhava a uma população de grilos, fato que também pode ter sido motivo para dar nome à localidade.

Nos dias atuais, apesar de não haver água canalizada no quilombo, o abastecimento não é uma das grandes dificuldades enfrentadas pela população residente. Existem poços, de onde os moradores retiram água e levam para suas casas utilizando o apoio de animais, além das

muitas cisternas (figura 04) construídas próximas as residências e os diversos tanques naturais (figura 05), esculpidos em meio às rochas.

Figura 04: Cisterna próxima a residência no Grilo



Fonte: Pesquisa de Campo, Lima (2017)

Figura 05: Tanque formado em meio às rochas



Fonte: Pesquisa de Campo, Lima (2017)

2.3 O reconhecimento quilombola e a regularização fundiária

O território do Grilo se configura como uma comunidade negra rural, possuindo uma área segundo Batista (2009) de aproximadamente 50 hectares de terras, embora essas dimensões sejam questionadas pelos moradores que afirmam serem ainda maiores os limites territoriais desse espaço.

O reconhecimento do Grilo enquanto território quilombola se deu com a atuação da Associação de Apoio aos Assentamentos e Comunidades Afrodescendentes (AACADE – PB), que até os dias atuais se faz presente na localidade, promovendo a percepção e a conscientização dos direitos da população grilense, enquanto comunidade negra rural. De acordo com as ideias de Maracajá (2013): No ano de 2006, foi encaminhada pela a Associação dos Moradores, com base nos direitos garantidos na legislação brasileira, a documentação destinada ao reconhecimento do território Grilo enquanto remanescentes de quilombo, para a Fundação Cultural Palmares (FCP), que na época era a instituição responsável pelo o reconhecimento e delimitação dos territórios quilombolas no Brasil.

O processo de avaliação e reconhecimento de um território, atualmente é realizado pelo o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), passando por diferentes etapas que inclui a identificação das comunidades, a partir de processos históricos ligados a ancestralidades negras, o reconhecimento e a delimitação da área, titulação e registro das terras que constitui a última etapa do processo.

Toda essa movimentação na busca pelo reconhecimento territorial quilombola do Grilo não se deu de forma harmônica, foi necessário vencer muitos obstáculos, principalmente em relação à aceitação dos próprios moradores no que diz respeito a se reconhecerem como remanescentes de quilombos, tendo em vista os preconceitos e as discriminações sofridas pelo o fato de serem negros.

Vencidas as etapas do processo de reconhecimento do território, “No mesmo ano em que encaminhou a documentação à FCP, a Comunidade Grilo obteve a certidão de autorreconhecimento e, no ano de 2007, abriu processo administrativo na seção INCRA-PB” (MARACAJÁ, 2013, p. 60).

As terras onde se desenvolveu a Comunidade do Grilo pertenciam no passado ao senhor Américo Sobrinho, de quem os moradores eram trabalhadores e pertenciam a ele nas condições de assujeitados. De acordo com as informações de Batista (2009), os “moradores” trabalhavam nas terras de Américo pelo menos cinco dias por semana, e dispunham de poucos recursos

capazes de lhes garantir uma boa qualidade de vida e dignidade. Após anos de trabalho na condição de assujeitados, o senhor Manoel Cândido Tenório (pai de Paquinha), conseguiu comprar uma pequena faixa de terra, onde construiu as primeiras moradias para a sobrevivência da família. Segundo Maracajá (2013, p. 55):

A conquista da compra de um pequeno pedaço de terra da fazenda de Honório Alves possibilitou a todos saírem da condição de ‘moradores’ tanto de suas terras quanto das de Américo Sobrinho, e os depoimentos dos momentos em que estavam nessa condição são retratados com bastante sofrimento, evidenciando, sobretudo, as condições sociais vividas na época.

Assim, os habitantes do Grilo saíram das condições de sujeição e passaram a trabalhar por conta própria, desenvolvendo a agricultura de subsistência, a criação de animais e as práticas culturais, a exemplo do labirinto e a arte com o barro, que de forma Intergeracional, foram difundidas pelos seus antepassados e que até os dias de hoje são desenvolvidas no cotidiano da localidade.

A posse efetiva da terra onde se localiza o território do Grilo se deu após muitas lutas e dificuldades para a regularização fundiária perante o INCRA, até que no dia 4 de fevereiro de 2013, foi publicada em diário oficial, a Portaria n° 54, declarando e reconhecendo a área do Grilo, como Comunidade Remanescente de Quilombo (MARACAJÁ, 2013).

Leonilda Coelho Tenório dos Santos (Paquinha) relembra em entrevista⁴ concedida a presente pesquisa, a alegria de ter as terras reconhecidas e regularizadas como remanescentes:

- Eu fui duas vezes para Brasília pegar o certificado e depois fiz a festa. Veio prá cá todo mundo, veio prá cá juiz, veio prá cá a promotoria todinha, foi uma bela festa nesse dia e a terra já é da gente, de nós trabalharmos e nós vivermos, porque já está tudo registrado.

A terra atualmente é tida como o fator principal de sobrevivência dos moradores da comunidade grilense, mediante a importância da agricultura e o papel que essa atividade possui na alimentação e na renda econômica das famílias habitantes do Grilo. Reconhecer e garantir os direitos para essa população é dar a chance que a mesma mantenha os traços identitários, os traços culturais e os laços de sociabilidade existente entre as diversas práticas humanas e o território, constituindo assim, em seu sentido material e simbólico, uma apropriação espacial,

⁴ Entrevista realizada no dia 14 de outubro de 2017, durante o desenvolvimento de nossa pesquisa.

nas quais diferentes relações e conjunturas são possíveis e propiciam diversas interpretações da produção do espaço na área.

Em relação à organização fundiária, até o momento em que a pesquisa foi concluída, não havia acontecido distribuição de terras entre os moradores, em função do reconhecimento do território ser algo recente na história da comunidade. Assim, as terras do local, formam uma unidade familiar na qual se desenvolve a agricultura de subsistência como atividade principal e a produção de objetos de barro e o labirinto como atividades complementares a renda das famílias que habitam o Grilo.

Quanto à criação de animais, a mesma se dá de forma pouco expressiva, com predomínio de aves e caprinos, que se constituem como elementos complementares da alimentação ou utilizados como auxílio no transporte de produtos agrícolas (no caso do gado e do cavalo). Todas essas atividades desenvolvidas no Grilo se materializam por meio do trabalho na paisagem quilombola, pois existe uma dinâmica social que dá vida, formas e sentido aos diferentes objetos, refletindo as marcas da sociedade na formação de uma territorialidade.

3. Territorialidade e cultura no quilombo grilo

3.1 – Apreciações teóricas

Os diferentes objetos, elementos e símbolos têm importância na construção de sentido para um determinado grupo. Assim, a diversidade de culturas existentes é resultante de processos que se materializam ao longo do tempo na paisagem, indicando a forma como os indivíduos interagem, produzem, reproduzem e interagem com o mundo em que vivem e constroem a sua identidade.

O estudo da cultura é a base para o entendimento de como se estabelecem as relações entre os grupos, pois ela dá significado a tudo e pode ser o fator determinante para a criação de um grupo, além de um importante meio de classificação de áreas a partir dessas diferenças existentes em cada lugar.

Assim, com a Propagação da corrente humanista no início dos anos de 1970, a Geografia passa a valorizar o subjetivo e os diversos elementos de ordem humana, contribuindo com o fortalecimento da prática cultural e a compreensão do espaço social em que estamos inseridos. Nas Palavras de Zanatta (2010, p. 289):

Tornou-se gradativamente expressivo o interesse de um maior número de geógrafos pela Geografia Humanista e Cultural, que propõe, com base na fenomenologia e no existencialismo, interpretar o lugar concreto das ações humanas, a subjetividade, os valores, os sentimentos, a cultura, a experiência, o simbolismo, a identidade, a intersubjetividade, a comunicação e a intuição.

Ademais, a Geografia cultural é responsável por estudar os produtos e normas culturais sobre os variados espaços e lugares, ela valoriza cada uma dessas possibilidades com o intuito de ampliar o entendimento a respeito da cultura e a sua reprodução. Assim, a palavra comunidade nos remete a uma ideia de coletivo, onde indivíduos compartilham as mesmas ideias, pensamentos, crenças e estilo de vida.

Nesse sentido, A realidade do Quilombo Grilo é única e se diferencia dos demais lugares pelas relações familiares e os traços culturais ali existentes, constituindo o que Claval (2007, p. 114) denomina comunidade de base:

Uma comunidade de base pode ser construída a partir de elos de sangue e de aliança que unem os membros de uma mesma família. Ela pode igualmente ser formada segundo um modelo análogo por um contrato de associações entre os membros unidos por um mesmo ideal e um projeto comum. Partilhar de uma mesma fé religiosa entre irmãos que se reconhecem filhos de um Deus criador é um cimento eficaz. Uma comunidade pode enfim resultar da coabitação de pequenos grupos num mesmo lugar.

O Grilo abriga em sua estrutura social laços intermédio de um lugar que representam traços culturais identitários, que são repassados através das gerações. As vestimentas, os utensílios artesanais, os tipos de moradias simples e a tradição religiosa, marcam o estilo de vida desses habitantes. São mais de 100 residências situadas no local, onde os moradores preservam entre si, vínculos afetivos, relações familiares e a vivência cotidiana.

O viver em comunidade aproxima esses indivíduos e amplia as suas relações, com reproduções de práticas e comportamentos que fortalecem a ideia de um território com aspectos funcionais e ao mesmo tempo simbólicos. Em conformidade com Haesbaert (2005, p. 677): “Todo território é, ao mesmo tempo e obrigatoriamente, em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre o espaço tanto para realizar “funções” quanto para produzir significados”.

Assim, a vivência na Comunidade Quilombola do Grilo, possui uma perspectiva funcional, em relação à apropriação do espaço, utilizado para a moradia, a coletividade e o desenvolvimento do trabalho, como também uma perspectiva material e simbólica, nos quais,

os laços afetivos, as práticas culturais e as relações sociais possuem significados na construção de uma identidade negra presente no território.

A paisagem então, se desenvolve também nessa perspectiva material e ao mesmo tempo imaterial. Possuindo estruturas concretas, em que é possível observar as formas e os elementos que permitem a análise das condições sociais, modo de vida e a organização do Grilo enquanto território. Mas também uma leitura sobre os elementos simbólicos, que mesmo não sendo visíveis, estão presentes e possuem significados para o grupo em estudo a exemplo das relações sócias, do sentimento de pertencimento e o apego a terra como meio de sobrevivência.

Assim, tomamos como base o conceito de paisagem enquanto elemento de vivência e construção de sentidos. Cosgrove (1995, p. 42) destaca a paisagem ligada à cultura e a ideia de que as formas materializadas na paisagem são representações de discursos e pensamentos. Assim, a paisagem para ele aparece como lugar simbólico.

Em conformidade com o autor, Dardel (2011, p. 32) afirma que: “A paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social”. Nesse sentido, os conceitos de território e territorialidades não podem desconsiderar a relação com as paisagens, pois elas contêm as formas e as representações sociais que materializam os diferentes elementos presentes no processo de vivência entre os grupos.

A paisagem do Grilo (Figura 06) demonstra as modificações ocorridas no território em função do tempo, nos quais os habitantes são elementos influenciadores dessas modificações observadas no local. As formas de trabalho, os elementos sagrados religiosos e a vida cotidiana interagem entre si na construção de uma identidade cultural. Almeida (2008, p. 61) afirma que: “A identidade cultural dá sentido ao território e delinea as territorialidades. A territorialidade, por sua vez, pode definir uma relação individual ou coletiva ao território e se apoia nas paisagens”.

A Composição da Comunidade do Grilo se dá em função da formação social e histórica a partir dos laços de parentesco e as relações com a terra, aspectos que fazem os habitantes se autodefinirem quilombolas e continuarem ativos na resistência contra o preconceito e na garantia dos direitos que lhe assistem.

Figura 06: A paisagem e o trabalho no Grilo



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017).

Enquanto comunidade negra rural, o Grilo dispõe de alguns elementos necessários a população residente. Na parte alta (Grilo de cima), temos a sede da Associação dos Moradores, a escola municipal (com educação infantil e ensino fundamental até o 5º ano) e uma pequena capela, construída há pouco tempo para atender as atividades religiosas do lugar.

O estilo das residências (Figura 07), apesar de simples, dispõe dos requisitos necessários. Essas, vem nos últimos anos agregando elementos da contemporaneidade, com a utilização de serviços de internet, e o crescente número de veículos, como carro e motocicletas, utilizados pelos moradores. Ressalta-se, entretanto que o trabalho com a terra constitui o fator principal no desenvolvimento das atividades econômicas, entre elas e a agricultura, da qual falaremos adiante.

Figura 07: Tipologia das residências do Quilombo



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017).

4. O trabalho quilombola e as práticas culturais existentes

4.1 A agricultura no Quilombo Grilo

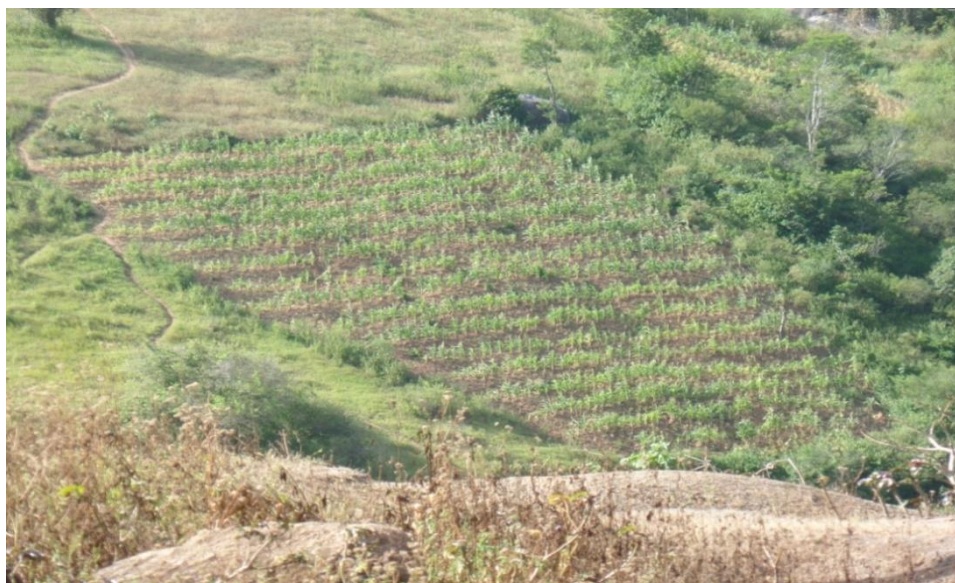
O ser humano veio, ao longo do tempo, aprimorando as suas técnicas com o objetivo de retirar da natureza os recursos necessários a sua sobrevivência. Nesse aspecto, o trabalho é de fundamental importância, pois é a partir dele que a espécie humana desenvolve suas atividades econômicas estabelecendo relações entre sociedade e natureza que resultam na organização do espaço geográfico.

No Quilombo Grilo, a terra é base sobre o qual se dá a produção da espacialidade para promoção do desenvolvimento das atividades que garantem o sustento e a renda econômica familiar dos que habitam o lugar. De forma complementar, as atividades artesanais⁵ também participam da economia local. Reiteramos, porém, que de todas essas atividades é a agricultura a que possui maior importância, por garantir a alimentação e o sustento das famílias.

⁵ É desenvolvido no Quilombo Grilo a arte do Labirinto (tipo peculiar de bordado, onde o trabalho é totalmente manual) e a atividade com o barro que permite a confecção de louças e objetos de cerâmica.

Apesar da topografia do Grilo apresentar áreas de difícil acesso, Maracajá (2012, p. 8) afirma que: “Os roçados são cultivados nas encostas da serra, tanto em decorrência da limitação da área que é de moradia, quanto pelo aspecto físico da rocha”. Esses roçados (Figura 08) são desenvolvidos com mão de obra familiar, nos quais a parentada trabalha cooperativamente para o auto sustento e a comercialização dos excedentes de seus produtos.

Figura 08: Os “roçados” do Grilo em áreas de encostas



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017)

De acordo com Malta (2001) na produção em pequena escala o que sobra do autoconsumo representa o sobretabalho que é materializado nos excedentes comercializados e assim se torna produto excedente que é apropriado pelo capital comercial. É, portanto, através deste processo contraditório e dialético que o capitalismo recria e conserva a produção agrícola em pequena escala, afim de promover sua própria expansão.

Os principais cultivos desenvolvidos no Quilombo Grilo são os cultivos de feijão, milho, mandioca e fava que na colheita trazem benefícios a alimentação e ao sustento das famílias. Nesse sentido, Barros (2012, p. 107) nos afirma que: “No ciclo agrícola, o momento da colheita é o ápice, o que permite reforçar laços e festejar o sucesso de mais um movimento de manutenção”.

Os terrenos, apesar de íngrimes, não impedem a realização das atividades agrícolas ou a criação de animais, que mesmo sendo em pequena escala, é uma atividade fundamental naquele lugar. Algumas famílias arrendam terras de moradores das vizinhanças com o objetivo de expandir um pouco mais a sua produção, o que resulta, no fortalecimento de vínculos através

da ajuda mútua entre os parentes, amigos e compadres, que participam ativamente durante o processo de plantio e colheita.

A colheita é o momento de maior efervescência na comunidade, uma vez que permite às famílias, a garantia de vários meses de fartura. Durante o desenvolvimento da nossa pesquisa, tivemos a oportunidade de acompanhar o processo de armazenamento do feijão no Quilombo Grilo, para ser consumido ao longo dos 12 meses do ano. As etapas do armazenamento consiste na separação da palha e os grãos (Figura 09), a secagem (Figura 10) e por fim o armazenamento em sacolas de nalho (Figura 11).

Figura 09: Processo de separação dos grãos



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017).

Figura 10: Secagem dos grãos de feijão



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017)

Figura 11: Armazenamento dos grãos



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017)

Apesar de o feijão e o milho constituir-se como elemento mais importante da produção agrícola do Quilombo Grilo, outros cultivos também são desenvolvidos no Quilombo. Paquinha, possui uma horta (Figura 12), onde são cultivados diversas hortaliças, a exemplo de: Couve-Flor, Berigela, Cenoura, “Alface Italiano” e Coentro. As atividades na horta são desenvolvidas com o auxílio dos filhos e as irmãs de paquinha, traços tipicamente associados a agricultura familiar no local.

Figura 12: Paquinha em sua horta



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017)

Na atualidade, o papel da agricultura familiar é bastante discutido, por se tratar de uma alternativa ao desenvolvimento sustentável. No entanto, no Brasil ainda não se reconhece, de

fato, as vantagens e as potencialidades desse modo de produção agrícola, enquanto estratégia de desenvolvimento no meio rural.

Note-se, que nesse modelo de agricultura, tanto o trabalho, quanto a propriedade, estão ligados a família, como bem demonstra Denardi (2011), quando nos diz que a gestão é eminentemente familiar, ao mesmo tempo em que a produção e o consumo, prioritariamente, de produtos agrícolas e o do criatório de animais se destinam a elas. Mais não exclusivamente, pois parte da referida produção destina-se a comercialização, como já evidenciado anteriormente.

Destaca-se, que toda essa importância que a agricultura possui para o sustento familiar dos moradores do Grilo, se tornou possível mediante o reconhecimento e a posse efetiva da terra a qual a comunidade se constituiu. Adquirindo assim, o direito de desenvolver suas atividades econômicas, consolidando a reprodução de práticas que fortalecem os laços de sociabilidade e a identidade quilombola presente no lugar.

A agricultura no Quilombo Grilo constitui uma atividade que vai além da dimensão econômica e da produção alimentar que essa prática pode oferecer, ela é um elemento de relação e interligação simbólica entre as famílias que participam cotidianamente dos momentos que essa atividade proporciona (Figura 13), efetivando a importância do trabalho na construção das relações sociais.

Figura 13: O cotidiano familiar na horta de Paquinha



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017)

Sobre o destino da produção, a agricultura grilense poderia ganhar novos caminhos se houvessem maiores incentivos no aprimoramento das técnicas de cultivos, podendo expandir os produtos para além do território do Grilo e a cidade do Riachão do Bacamarte, para onde, segundo Leonilda, os produtos são destinados:

- Os meus filhos vendem prá todo canto aqui da região, duas vezes na semana eles colocam numa moto. Os melhores ficam prá gente né? [se referindo a família] e o restante é vendido para a cidade do Riachão do Bacamarte.

O trabalho agrícola do Quilombo vêm ganhando notoriedade nas localidades próximas a Comunidade, por se tratar de produtos orgânicos, que não utilizam agrotóxico ou qualquer tipo de fertilizantes, uma vez que as famílias foram alertadas sobre o uso desses aparatos na agricultura o que, de certa forma torna-se um diferencial que contribui, de forma positiva, para a segurança do consumidor, fortalecendo a prática e os laços de sociabilidade.

4.2 A contribuição da produção do bordado e a arte com o barro

A maneira pela qual se constrói o cotidiano e as expectativas de vida também constituem elementos agregadores e identificadores da Comunidade Quilombola do Grilo. Os diversos elementos, a exemplo do trabalho, a Dança de Ciranda e a arte com o barro, produzem sentido para todos que se reconhecem como membro integrante daquela Comunidade.

Assim, retomamos a idéia de Haesbart (2005) acerca das perspectivas funcional e simbólica. Para esse autor, o território deve ser visto como as duas faces da moeda, uma vez que os signos e elementos possuem uma dimensão material e ao mesmo tempo um dimensão simbólica.

É nesse sentido, que Tuan (1980) nos lembra que a territorialidade se apoia nas paisagens, pois elas contém a vida materializada através das formas e também dos significados que produzem laços de sociabilidade e identificação dos indivíduos com o seu lugar de origem, fortalecendo a relação de pertencimento e apego ao lugar.

O artesanato é um instrumento de agregação e fortalecimento de vínculos para os moradores do Grilo, apresentando-se como elemento cultural de perspectiva material e simbólica. Segundo Amaral (2011): “Embora a comunidade grilense seja basicamente de agricultores, e no passado ainda era mais, o labirinto também funciona como um meio de ajuda financeira, pois aumenta a renda familiar”.

Outras práticas também podem ser observadas como integrantes da renda e sustento financeiro dessas famílias. O artesanato grilense se organiza a partir da produção do labirinto, louças de barro, trabalhos de desenhos em telhas, objetos feitos de madeira e vassouras produzidas a partir da palha do coco.

A confecção desses produtos se dão intercalados com a produção agrícola, respeitando os períodos de cultivo e colheita na agricultura, ocasião em que as famílias dão uma pausa na produção dos objetos artesanais, retomando novamente após a colheita e armazenamento da safra.

Mais do que o saber material de ver as peças artesanais e a arte do labirinto feitas para a apreciação dos compradores, deve-se destacar o processo de produção desses produtos, que se constituem como uma tradição passadas a várias gerações.

A confecção do labirinto (figura 14) é feita por etapas, que começa com o desfiar, o torcer, a fase do perfilo e por fim a lavagem, a esticagem e o recorte. Não são todas as artesãs que dominam a técnica de iniciação e finalização do produto, existindo assim, um compartilhamento de taferas, em que cada uma contribuem com a etapa a qual domina.

Figura 14: A produção do labirinto no Grilo



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017)

Esse processo de produção e confecção do labirinto reforça os laços de afetividade entre as mulheres da Comunidade, constituindo-se como um saber compartilhado, quando as meninas, ainda na fase adolescente despertam o interesse por desenvolver alguma das etapas do processo de confecção, e as mais velhas repassam com orgulho os ensinamentos aprendidos anteriormente pelas suas gerações. Segundo Barros (2012, p. 103), é justamente esse saber

“partilhado que vem nos informar sobre as identidades na Comunidade Grilo. Saber esse, que passa de mãe para filha, de mulher para mulher, que contribui para fortalecer os laços de sociabilidade entre as mesmas”.

Existem cerca de 10 labirinteiras (mulheres que confeccionam o labirinto), no Quilombo Grilo, das quais, apenas 3 dominam todas as etapas de produção do trabalho. Próximo ao Grilo, mais precisamente no Sítio Serra Rajada, foi criada a Associação de Artesãs do Município de Riachão do Bacamarte, onde as mulheres receberam apoio e informações do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), que tem atuado nos últimos anos, oferecendo subsídios para o desenvolvimento de pequenos negócios.

As peças de labirinto, produzidas na Comunidade são vendidas para diferentes lugares do Brasil. Algumas das artesãs costumam produzir e estocar, para vender assim que já tiver um considerável número de peças que, em geral, se resumem a toalhas de mesas e conjuntos que servem para decoração em geral. O trabalho com labirinto grilense já foi apresentado na Itália, por um grupo de turistas e pesquisadores que visitaram a localidade e se interessaram por levar o artesanato local para fora do Brasil. Sempre que retornam ao país, novas encomendas são propostas as artesãs do Grilo, contribuindo assim, para o aumento da renda.

Como já foi destacado, o artesanato não é mais importante que a agricultura desenvolvida no Quilombo, mas essa atividade também tem a sua contribuição na situação econômica das famílias, que conseguem adequar recursos com as vendas da produção. Além do grupo italiano, pessoas em geral, buscam as produções artesanais do Grilo, seja para presentear ou mesmo para uso próprio.

O reconhecimento da comunidade enquanto território remanescente quilombola, contribuiu para aumentar a procura pelo o artesanato desenvolvido na localidade, o que trouxe vantagens e perspectivas futuras no sentido de expansão e valorização do artesanato local, uma vez que o Quilombo Grilo tornou-se conhecido no campo cultural.

Em meio a um cotidiano humilde e pacato, a Comunidade vive seus dias, as louças de barro também constituem uma opção no que diz respeito aos utensílios para os afazeres domésticos, das donas de casa e suas famílias. Assim, como o labirinto, a produção de louça também é um conhecimento passado através de gerações e que até os dias atuais as artesãs continuam ensinando aos mais novos. Esse traço é percebido na fala de Paquinha, ao se referir a arte com barro:

- Aqui tem eu, tem Lurdes, somente eu e Lurdes, a gente que somos cabeça, mas os meninos estão tudo interessados, a gente estamos ensinando, quando

coloca barro, ensina para os meninos fazerem. Todo ano a gente faz para a ornamentação do colégio e vendemos cada um a 1 real.

Maria de Lurdes⁶ é a responsável pela a confecção dos utensílios de barro (Figura 15) que são vendidos e também utilizados na própria Comunidade. A ornamentação do colégio, ao qual Paquinha se refere, trata-se das culminâncias dos projetos de valorização da cultura africana e quilombola na escola, proposta pela lei 10. 639/2003, que constitui obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, nas instituições de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares.

Figura 15: Dona Lurdes e a arte com o barro.



Fonte: Pesquisa de Campo (Lima, 2017)

A arte com barro é um saber que não se perde, pois constitui uma prática material e ao mesmo tempo simbólica, que permanece viva na memória do lugar. A prática com o barro,

⁶ Maria de Lurdes é a irmã mais velha de Paquinha. Reconhecida por suas produções em barro e objetos de cerâmica, reside na comunidade do Grilo desde o seu nascimento.

reforça a lembrança de um passado difícil e ao mesmo tempo de muito trabalho, mas também de muita sabedoria popular que se entrelaçam as diversas histórias de vida existentes no Quilombo Grilo.

A produção de louças é um fator integrante dentro da Comunidade, pois, assim como a agricultura e o labirinto, ela também fortalece vínculos e laços de sociabilidade entre os membros. Quem visita o Quilombo Grilo, procura de imediato a arte da produção de louça, fazendo dessa atividade uma prática reconhecida.

Assim, podemos dizer que a cultura analisa todos os elementos e dá sentido as práticas que se estabelecem nos territórios e se apresentam nas paisagens através dos diferentes povos. Ela nos permite analisar e identificar a importância do material e o imaterial presente nos espaços e nas relações que se processam através dos laços de afetividade e no papel social do trabalho.

5. Considerações finais

A paisagem enquanto elemento de análise e interpretação das territorialidades existentes nos lugares é uma perspectiva possível e ao mesmo tempo desafiadora no estudo da geografia cultural, pois permite diferentes interpretações acerca da realidade que não é única, mas construída através dos seres humanos em seus processos de vivências. Se faz necessário entender que a paisagem possui elementos materiais, mas também pode ser analisada em sua dimensão imaterial.

O papel social do trabalho é fundamental para compreendermos a importância do estudo das territorialidades, uma vez que os laços afetivos e os vínculos existentes, dizem muito sobre a identidade dos grupos e dos indivíduos que desenvolvem o seu cotidiano sobre o território.

O Quilombo Grilo possui a terra como fator principal de sobrevivência dos seus moradores, uma vez que a agricultura é a atividade econômica de maior importância. Essa atividade desenvolvida na Comunidade é basicamente familiar e pode ganhar novas perspectivas se houver um apoio e uma melhor gestão dos recursos, podendo aumentar ainda mais a renda e a produção das famílias.

Apesar da agricultura ter o maior destaque, o labirinto e a arte com o barro também funcionam como importantes atividades complementares a renda das famílias grilenses, reforçando os laços de parentescos e sociabilidade. A arte com o barro constitui-se como um

saber que não se perde, pois é antes de tudo, uma prática material e ao mesmo tempo simbólica, repassada de geração para geração.

6. Referências

- ALMEIDA, M. G. Diversidade Paisagística e Identidades Territoriais e Culturais – Brasil sertanejo. In. ALMEIDA, M. G.; CHAVEIRO, E. F.; BRAGA, H. C. **Geografia e cultura: a vida dos lugares e lugares da vida**. Goiânia: UFG, 2008.
- AMARAL, Elane. C. do. Subindo a Serra, **Descendo a História: Memória e Identidade Cultural na Comunidade Remanescente de Quilombo Grilo – PB (1930 – 2010)**. (Dissertação de Mestrado). Campina Grande: UFCG, 2011
- BATISTA, M. R. R. **Grilo: das memórias de assujeitado ao direito quilombola**. Relatório Final da Pesquisa Antropológica. Campina Grande, INCRA /PaqTc, 2009.
- BARROS, R. da S. **Tradição e Modernidade: Os moradores da Comunidade do Grilo como protagonista social**. (monografia). Campina Grande: UEPB, 2012.
- CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007.
- COSGROVE, D. E. **Social formation and symbolic landscape**. Madison: the University of Wisconsin Press, 1995.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza e realidade geográfica**. Tradução: WertherHolzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- DENARDI, R. **Agricultura Familiar e Políticas Públicas: alguns dilemas e desafios para o desenvolvimento rural sustentável**. Disponível em: http://www.emater.tche.br/docs/agroeco/revista/ano2_n3/revista_agroecologia_ano2_num3_parte12_artigo.pdf Acesso em: 05 Nov. de 2017.
- HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. **Anais... X Encontro de Geógrafos da América Latina**. Universidade de São Paulo: 20 a 26 de março de 2005.
- INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo populacional de Riachão do Bacamarte, 2010**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=251275> .Acesso em: 02 de Out. 2017.
- MARACAJÁ, M. S. L. **Território e Memória: a construção da territorialidade étnica da Comunidade quilombola Grilo, Paraíba**. (Dissertação de mestrado). João Pessoa: UFPB, 2013
- MCDOWELL, L. A Transformação da Geografia Cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. **Geografia Humana: sociedade, espaço e Ciência Social**. Rio Janeiro: Zahar, 1996.

MALTA, Sérgio. Vale Mais do que Pesa: A Articulação dos Pequenos Produtores Agrícolas do Município de Paulo Afonso-BA, com o Circuito das Feiras da Região. **Revista Canudos**, Salvador, v. 05, n. 1/1, p. 97 - 117. Jun. 2001.

TUAN, Y. **Topofilia. Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.** Tradução: Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

ZANATTA, B. A. **As referências teóricas da Geografia escolar e sua presença na investigação sobre as práticas de ensino.** Educativa. Goiânia, v.13, n. 2, jul/dez 2010. p. 285-305